

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

65

(INSCRIÇÕES 293-295)



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
2000

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.*

*Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.*

*O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.*

*O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.*

*As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome.*

*The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even be omitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.*

*FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.*

*The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.*

*Toda a colaboração deve ser dirigida a:*

*All contributions should be sent to the editors:*

José d'ENCARNAÇÃO  
Instituto de Arqueologia – R. de Sub-Ripas, P-3000-395 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS  
Av. Madrid, 24, 2º dtº, P-1000-196 LISBOA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de*

FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA  
CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

Composto e impresso na G. C. – Gráfica de Coimbra, Lda.

---

Depósito Legal N° 21216/88

CIPO FUNERÁRIO ROMANO DO CADAVAL  
(*Conventus Scallabitanus*)

Em Dezembro de 1999, foi identificado por Guilherme Cardoso na capela da Quinta de S. Lourenço, situada na freguesia do Peral, concelho do Cadaval<sup>1</sup>, um cipo funerário romano, em forma de prisma rectangular, de lioz avermelhada, do tipo de Negrais, em muito bom estado de conservação<sup>2</sup>.

Eram, a princípio, umas letras quase imperceptíveis por detrás da coluna de sustentação do arco da capela-mor, gravadas numa pedra incrustada lateralmente no arco, tudo parcialmente oculto sob múltiplas camadas de cal – que Severino Rodrigues, técnico de Arqueologia da Câmara Municipal de Cascais minuciosamente decapou.

---

<sup>1</sup> Recorde-se que o Cadaval, pela sua localização, deve ainda possuir muitos vestígios da época romana; contudo, a falta de uma pesquisa sistemática tem feito com que ele apareça no mapa de Portugal romano como um enorme vazio, o que, incontestavelmente, não pode corresponder à verdade. Aliás, o único vestígio romano do Cadaval assinalado por Jorge de Alarcão no seu *Roman Portugal* (Warminster 1988, vol. 2, fasc. 2, p. 116, nº 5/95), é a inscrição dedicada, na segunda metade do século II da nossa era, ao imperador Marco Aurélio e encontrada em S. Tomás das Lamas (EE VIII 301). Foram dedicantes quatro personagens, que se supôs, devido a dificuldades de leitura, serem magistrados da cidade de Eburobrício, que por essa zona se devia localizar. Mas Eburobrício acaba de ser identificada por José Beleza Moreira no concelho de Óbidos e, portanto, no Cadaval outro notável aglomerado romano se tem de considerar.

<sup>2</sup> Ao monumento, que só agora vai ser alvo de estudo epigráfico propriamente dito, já foram feitas referências. Primeiro, a notícia do seu achamento: ENCARNAÇÃO (José d'), «Escravo romano sepultado no Cadaval», *Jornal Área Oeste*, 1-1-2000, p. 3; e CARDOSO (Guilherme), «Levantamento arqueológico do concelho do Cadaval», *Al-madan* 9 (Outubro 2000), p. 213. Depois, um brevíssimo comentário in: *Sociedad y Cultura en Lusitania Romana*, Mérida, 2000, p. 245; e em *Varia Epigraphica* (Atti del Colloquio Internazionale di Epigrafia – Bertinoro, 8-10/6/2000), Faenze, 2001 (Colecção Epigrafia e Antichità, 17), p. 242-243, com foto do molde do Museu.

O monumento permanece no local de achado (Fig. 1 e 2), à guarda dos proprietários, que tiveram a gentileza de autorizar a sua reprodução em fibra (Fig. 3) para exposição no Museu Municipal de Torres Vedras<sup>3</sup>.

Dimensões: 123,5 x 65 x 64.

Campo epigráfico: 123,5 x 65.

D(is) M(anibus) / CALLAECIONI / LVCRETI(i) LVPI  
SER(vo) AN(norum) XXII[I] (*trium et viginti*) / LVCRETIVS  
CALLAECVS / <sup>5</sup> ET LVCRETIA MAVRA / F(ilio) • PIEN-  
TISSIMO • F(aciendum) C(uraverunt)

*Aos deuses Manes. A Galecião, escravo de Lucrécio Lupo, de 23 anos. Lucrécio Galego e Lucrécia Maura mandaram fazer ao filho modelo de piedade.*

Altura das letras: l. 1: 8,8; l. 2: 5,5; l. 3: 4,6; l. 4: 4,9 (A=2,5); l. 5: 4,6; l. 6: 5,1. Espaços: 1: 15; 2 e 3: 2,3; 4: 1,6; 5: 1,7; 6: 1; 7: 68.

Paginação feita tendencialmente segundo um eixo de simetria, intenção visível na l. 1, com a fórmula invocatória em módulo maior e siglas separadas, e também na l. 2, onde a 1ª letra está um pouco mais para dentro, embora o *ordinator* logo aí não tenha logrado a simetria desejada. Procurou, no entanto, uma paginação de acordo com o sentido do texto, o que é particularmente visível na l. 3, em que comprimiu os espaços interliterais e recorreu ao nexu AN, para que a identificação do estatuto e a idade do defunto figurassem na mesma linha; aí, o último I já foi gravado mesmo no debrum, reconstituindo-se porque dele resta o rasgo feito a buril. Também na l. 4, para poder manter a curvatura plena dos C – bastante ampla –, viu-se forçado a usar uma pequena letra (o A). E se, na l. 5, uma distração fez com que o E inicial ficasse mais afastado do T do que devia e não tivesse aberto nenhum espaço entre LVCRETIA e MAVRA, o certo é que a última linha está razoavelmente conseguida do ponto de vista gráfico, porque as siglas dão relevo a uma palavra que assume, como se sabe, na epigrafia funerária, um significado importante: *pientissimo*. Realce-se, ainda, o facto de sabiamente se ter utilizado apenas a metade superior do campo epigrá-

---

<sup>3</sup> Cumpre-nos agradecer-lhes todas as facilidades concedidas para o estudo e moldagem do monumento e as atenções que amavelmente nos dispensaram.

fico, na medida em que o texto se destinava a ser lido mais ou menos à altura dos olhos, hipótese que ganha consistência se – como pensamos – é o plinto do cipo que figura, em reaproveitamento, no púlpito da capela (Fig. 4)<sup>4</sup>.

Os caracteres, muito bem gravados em bisel, imitam o tipo monumental quadrado. Veja-se a perfeita circularidade do O, o C bem côncavo, a relativa extensão das barras horizontais. Contudo, o V estreito, o R feito a partir do P e de perna levemente ondulada em baixo denotam reminiscências actuárias.

*Callaecio*, um aumentativo de ternura<sup>5</sup>, é, sem dúvida, formado a partir do nome que o pai recebera como escravo, *Callaecus*. E se, habitualmente, se não se pode seguir à risca a ideia de que este nome, de clara ressonância geográfica – *Callaicus*, «natural da Gálcia, galego»<sup>6</sup> – se prende, de facto, com alguém procedente desta região do Noroeste peninsular, o certo é que o nome de escrava da mãe – *Maura* – é, também ele, claramente etnonímico, a indiciar uma origem norte-africana<sup>7</sup>. Isoladamente e se não estivéssemos em contexto servil, tal hipótese perderia muito da sua validade; aqui, talvez não seja esse o caso, tanto mais que esta faixa atlântica do *ager Olisiponensis* ou a ele contígua constituiu, desde os primórdios da ocupação romana, excepcional pólo de atracção de imigrantes, e temos outros testemunhos epigráficos a demonstrarem essa confluência de gentes do Norte e do Sul<sup>8</sup>.

*Callaecus* e *Maura* foram libertados pelo senhor em cujo domínio prestavam serviço; e não nos custa a crer que esse senhor terá sido o próprio *Lucretius Lupus* de quem não desdenharam indicar – para todo o sempre – que seu filho permaneceu escravo até à morte.

---

<sup>4</sup> Tem moldura «clássica», de garganta reversa, e mede 24,9 x 64/87,6 x 79,6 cm.

<sup>5</sup> Não encontramos nenhuma outra ocorrência deste antropónimo.

<sup>6</sup> Cf. Iiro KAJANTO, *The Latin Cognomina*, Helsínquia, 1965, p. 198.

<sup>7</sup> Cf. Kajanto, *o. c.*, p. 206. Sobre a ocorrência e o significado do *cognomen Maurus* na Península Ibérica, vide: Juana RODRÍGUEZ CORTÉS, *Sociedad y Religión Clásica en la Bética Romana*, Salamanca, 1991, p. 79.

<sup>8</sup> A presença africana encontra-se bem atestada na onomástica romana de territórios como o de Cascais (José d'ENCARNAÇÃO, *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, Cascais, 2001, p. 119), Sintra (José Cardim RIBEIRO, «Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de *L. Iulius Maelo Caudicus*», *Sintria* I-II (1), 1982-1983 297-299), Torres Vedras (Vasco Gil MANTAS, «Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras», *Conimbriga* 21 1982 85). Não deixa também de ser sintomático notar que o outro testemunho seguro do antropónimo *Callaecus* na Península Ibérica se documentou na mesma região, nas Caldas da Rainha (CIL II 353).

O *nomen Lucretius* é frequente na Península Ibérica<sup>9</sup>, embora, na Lusitânia, não chegue à vintena o número de testemunhos detetados até ao momento, sendo oito da região próxima do Cadaval, nomeadamente de *Olisipo*, onde se contam cinco.

Sem nos querermos referir a todos, talvez não seja despiciendo assinalar que, entre eles, há um soldado da VII Legião Gémina Félix, *L. Lucretius Robustus*, cujo epitáfio, com menção expressa da sua naturalidade (*Scallabis*), procede de *Lambaesis*, na Numídia<sup>10</sup>; e que, em Azeitada (Almeirim), num tijolo encontrado, em Janeiro de 1981, por Maria da Conceição Quinteira, vem gravado, em grafito, o nome de *L. Lucretius Celtus*, juntamente com os de *C. Cornelius Celtus* e *Q. Numerius Nerva*, certamente proprietários de uma olaria ou, de preferência, encomendantes de uma fornada<sup>11</sup>. E se, embora noutra horizonte cultural (o *conventus Bracaraugustanus*), atentarmos na existência, nos finais do século II, princípios do III, de um conhecido fabricante bracarense de lucernas, *Lucretius* de seu nome<sup>12</sup> – talvez se não considere ousadia incluir *Lucretius Lupus* entre os grandes proprietários rurais da Lusitânia ocidental, precisamente nos finais do século II da nossa era, princípios do III, se atendermos à circunstância de não vir identificado com *praenomen* – datação que a paleografia do monumento também não desmente. Curiosamente, porém, pelo cognome, *Lupus*, tendo em conta a exaustiva pesquisa feita por Manuela Alves Dias em relação a um testemunho registado em Beja<sup>13</sup> – IRCP 312 –, uma eventual ligação com o Norte hispânico não é de descurar.

Estamos, enfim, numa convergência de elementos onomásticos que parecem apontar na mesma direcção: a região, importante pólo de atracção económica de gentes do Norte e do Sul. Verosimilmente na segunda metade do século II ou mesmo nos primórdios do século III, no território que é hoje pertença do concelho do

---

<sup>9</sup> Cf. Juan Manuel ABASCAL PALAZÓN, *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, p.175-176.

<sup>10</sup> Jean MARCILLET-JAUBERT, «Un soldat lusitanien de la VII<sup>e</sup> légion *Gemina* à Lambèse», *O Arqueólogo Português*, série IV, 5, 1987, 203-208.

<sup>11</sup> Cf. QUINTEIRA (António J.F.), «Estação arqueológica da Azeitada (Almeirim)», *Conimbriga*, 37, 1998, 158-159.

<sup>12</sup> Cf. Carlos Alberto Ferreira de ALMEIDA, «Necrópole galaico-romana de Vila do Conde», *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – História*, 4 1973-1974 213-214.

<sup>13</sup> «A propósito da inscrição B-143 do Museu Regional de Beja», *Conimbriga* 18 1979 203-226 (sobretudo p. 212-219).

Cadaval, viveu um senhor de muitas posses, certamente grande proprietário rural. Em determinado momento, decerto devido aos seus bons serviços, libertou dois dos seus escravos: um que viera do Norte, da Galécia, por isso lhe chamara «Galego»; a outra, a mulher, emigrara do Norte de África, era de tez tsnada e, por isso, a designara de «Moura». Ao libertá-los, integrou-os na sua família, a Lucrécia, uma família tradicional de Roma. Ao filho dos dois, certamente benquisto de todos apesar de escravo, apelidou com nome de ternura: Galecião, «o Galegão».

GUILHERME CARDOSO  
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4



UN NUEVO EPITAFIO  
DE SAN ESTEBAN DE GORMAZ  
(SORIA, ESPAÑA)

No es la primera vez que aparecen en estas páginas los firmantes (Gómez-Pantoja y García Palomar 1998, n. 265), dando cuenta de nuevas lápidas procedentes encontradas en deesasta localidad soriana, situada al oeste de la provincia, a orillas del Duero y en la solana de un cerro coronado por el castillo, que domina una amplia vega. La población tiene una rica y dilatada historia, de la que dan muestra distintos y variados restos culturales, siendo especialmente interesantes los grabados rupestres de la cueva de Las Salinas (Gómez-Barrera, 1999) y los de época medieval temprana – Castro Moro, el Castillo y las murallas de la villa (García Palomar 1989b) –, ya que durante los siglos XI y XII jugó un notable papel en la frontera del naciente Condado de Castilla. Poco después se erigieron las primeras iglesias románicas con galería porticada – San Miguel y Santa María del Rivero, s. XI y XII (Gaya Nuño 1946, 41ss.) – y en mayo de 1187 Alfonso VIII celebró allí las primeras Cortes del occidente europeo (García Palomar 1989a, 129-141). Además de estos periodos y sus huellas artísticas, llama poderosamente la atención el conjunto local de inscripciones latinas halladas, cuya notoriedad se deriva del número, contenido y temprana cronología y porque no pueden relacionarse por ahora con un topónimo antiguo o con restos arqueológicos romanos significativos (Gómez-Pantoja 1989, 241-249).

El último hallazgo, del que ahora se da cuenta, sucedió a mediados de octubre de 2000, en el cauce de la aceña del Duero, junto a la compuerta del Aguadero, inmediata al puente metálico construido hace escasos años, durante las obras de construcción de una mini-central hidroeléctrica. Fue la Arqueóloga Territorial de la Junta de Castilla y León en Soria, Elena Heras Fernández, quien nos informó

del hallazgo a principios de noviembre de 2000, por lo que estamos en deuda con su amabilidad, así como con el Ayuntamiento de San Esteban de Gormaz y sus trabajadores, que facilitaron el acceso a la pieza. Unos meses antes, a mediados de junio, con motivo de estas mismas obras, se habían encontrado otros dos epígrafes debajo del arco del puente más cercano a la población, uno funerario y el segundo posiblemente votivo (Gómez-Pantoja y García Palomar e. p.).

El bloque calizo es un gran prisma cuadrangular de 85 cm. de altura, 50 de ancho y 53,5 de grosor. La cara inscrita presenta seis líneas. La primera, con sólo dos letras, se grabó por encima de la cartela rebajada, en la que figuran los restantes renglones. El cuadro epigráfico mide 45 cm. de alto por 32,5 de anchura. El tamaño de las letras va decreciendo: en la primera línea son de unos 8,5 cm.; de 7 cm. en la segunda; las líneas tercera, cuarta y quinta miden 6 cm. y 5 la última. El trazado de los grafismos es de notable anchura y profundidad. No se aprecia con claridad ningún tipo de puntuación y los renglones de la cartela están separados por una banda horizontal rebajada.

Al ser extraída la piedra sufrió daños, que afectan a su parte superior izquierda, perdiéndose parte de la última letra de las dos primeras líneas, sin que ello impida la comprensión del mensaje. El texto es el siguiente:

D(is) M(anibus)  
Fab(ius) pafē(r)  
māt(er) Fla(via)  
Urso f(ilio)  
5 añ(norum) XII  
pi(entissimo et) sibi p(osuerunt)

La fotografía que ofrecemos por gentileza de Manolo Ramírez, puede inducir al lector a creer que la primera letra de la segunda línea es una R, pues se aprecia el bucle en la parte superior y, con mayor claridad aún, el rasgo inclinado inferior. El examen directo del epígrafe, sin embargo, desmiente tal creencia, pues los ápices de la F se aprecian nitidamente; la ilusión óptica parece provocada por el desgaste de la piedra y, sobre todo, por el ápice horizontal con el que arranca el rasgo izquierdo de la A. Además, la lectura resultante – *Rab*(—) –, debería, en buena lógica, corresponder a un nombre gentil como *Rabellius*, *Rabenna*, *Rabilius*, *Rabirius*, *Rabius*, *Rabonius*, *Rabulleius*, *Rabullius* o *Rabutius*; o a un cognomen

como *Rabellianus*, *Rabilianus* o *Rabilinus* (Mócsy 1983, 240; Salomies 1988, 153). Todos ellos fueron antropónimos inusuales y por lo que sabemos, no atestiguados hasta el momento en ninguna otra inscripción peninsular (Abascal 1994).

La última letra de la segunda línea se ha perdido parcialmente en su parte superior, como ya se ha indicado; pese a ello es posible reconocer los trazos correspondientes a una E, faltando el primer rasgo horizontal, y apreciar el saliente superior izquierdo de una T, que formaba parte de esta E. En correlación con la presentación y la ligadura de MAT(ER) en la tercera línea, es fácil suponer que lo originalmente escrito en la última palabra del segundo renglón sería PATE(R), con las dos letras finales esculpidas (TE) enlazadas, tal como se aprecia ligeramente en la ilustración. Por tanto, en la segunda y tercera líneas quedan reflejados los dedicantes, padre y madre del fallecido, Urso, cuyo nombre figura en l. 4 seguido quizá de interpunción aunque el punto es tan pequeño en relación con las letras que lo hemos considerado una abrasión posterior. Los dos renglones siguientes contienen la edad del hijo difunto y la fórmula sepulcral.

La onomástica de los difuntos no presenta ningún rasgo distintivo por tratarse de nombres muy corrientes, aunque el del hijo es quizá el más extendido. En cualquier caso, destaca la sencillez utilizada en el epígrafe. La cronología, por la dedicatoria a los dioses Manes y otros rasgos comentados, puede abarcar un amplio espacio temporal del siglo I d.C. al III.

Desde que a mediados del siglo XVI, Gaspar de Castro – o, más probablemente, Jerónimo de Zurita (Gimeno 1997, 102 y Apéndice I-4) – describiese en San Esteban la primera inscripción (CIL II 2820 = Jimeno 1980, n. 130), el número de las conocidas no ha dejado de aumentar. Gregorio Argañiz, a mediados de la centuria siguiente, presentaba cinco epígrafes más, en el manuscrito inédito custodiado en la Catedral de El Burgo de Osma<sup>1</sup>. A finales del siglo XVIII, un canónigo amplió el inventario de la diócesis, añadiendo nueve epígrafes localizados en San Esteban de Gormaz (Loperráez 1788, 307-318 y 364-365). Una centuria después, las noticias de varios correspondientes locales permitieron a Fita dar a conocer otras siete piezas, entre ellas dos miliarios y un epígrafe imperial (1892, 129-131; 1893, 267-272; y 1896, 259-260). En los años treinta del siglo XX, Artigas (1932, 41) añadió otra inscrip-

---

<sup>1</sup> Agradecemos al archivero de la Catedral de El Burgo de Osma, D. Julián Gorostiza Carro, la deferencia y amabilidad mostradas durante la consulta de esta obra.

ción, mientras que en fechas más recientes, García Merino (1977a, 317-318; y 1977b, 184-185) y Jimeno (1980, 279) aportaron dos y una respectivamente. A partir de 1992, los firmantes han dado a conocer cuantos descubrimientos se han ido produciendo y de los que han tenido noticia (una en García Palomar 1994, 255-257, revisada luego en Gómez-Pantoja y García Palomar 1995, 192-193; tres más en García Palomar 1997, 34-38; otra en Gómez-Pantoja y García Palomar 1998, n. 265; y seis en Gómez-Pantoja y García Palomar e.p.); en total, 38 inscripciones latinas, incluida la objeto del presente estudio, datables desde fines del siglo I a.C. hasta los primeros siglos de la Era.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABASCAL, J. M. (1994): *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Murcia.
- ARGAIZ, G.: *Memorias illustres de la Santa Iglesia y Obispado de Osma. Cathalogo de los Prelados que la han regido. Noticias de los claros varones que han florecido en ella y su diócesis en santidad, y en letras Martyres Confessores y Virgenes*, 1560, Archivo de la Catedral de El Burgo de Osma (manuscrito inédito).
- ARTIGAS, P. (1932): «Por tierras de gesta. San Esteban de Gormaz II. – La epigrafía romana», *Boletín de la Sociedad Española de Excursiones* XL, pp. 39-49.
- FITA, F. (1892): «Antigüedades romanas. San Esteban de Gormaz. Lápida inédita», *BRAH* 21, pp. 129-132.
- FITA, F. (1893): «Noticias. Epigrafía romana», *BRAH* 23, pp. 267-272.
- FITA, F. (1896): «Noticias», *BRAH* 28, pp. 259-261.
- GARCÍA MERINO, C. (1977a): «Acerca de algunas estelas hispano-romanas en la Meseta», *Institución Tello Téllez de Meneses* 38, pp. 307-327.
- GARCÍA MERINO, C. (1977b): «Un olvidado núcleo de población hispanorromano: El yacimiento de San Esteban de Gormaz (Soria)», *Hispania Antiqua* 7, pp. 165-229.
- GARCÍA PALOMAR, F. (1989a): «1187. ¿Cortes en San Esteban de Gormaz?», *Celtiberia* 77-78, pp. 129-141.
- GARCÍA PALOMAR, F. (1989b): «Fortificaciones en San Esteban», *Programa de Fiestas de San Esteban de Gormaz*, s.p.
- GARCÍA PALOMAR, F. (1994): «Hallazgo de dos estelas funerarias celtíbero-romanas en San Esteban de Gormaz (Soria)», en C. DE LA CASA (Ed.), *Actas del V Congreso Internacional de Estelas Funerarias*, Soria, pp. 255-261.
- GARCÍA PALOMAR, F. (1997): «Tres nuevas inscripciones latinas de San Esteban de Gormaz», *Programa de Fiestas de San Esteban de Gormaz*, pp. 34-38.
- GAYA NUÑO, J.A. (1946): *El románico en la provincia de Soria*, Madrid.
- GIMENO, H. (1997): *Historia de la investigación epigráfica en España en los ss. XVI y XVII*, Zaragoza.
- GÓMEZ-BARRERA, J.A. (1999): *La Cueva de Las Salinas de San Esteban de Gormaz. Documentación y estudio de sus grabados rupestres*, Salamanca.
- GÓMEZ-PANTOJA, J. (1989): «Castillos en el Duero», *Gerión* 7, pp. 241-249.
- GÓMEZ-PANTOJA, J. y GARCÍA PALOMAR, F. (1995): «Nuevas inscripciones latinas de San Esteban de Gormaz (Soria)», *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología* 61, pp. 185-194.

- GÓMEZ-PANTOJA, J. y GARCÍA PALOMAR, F. (1998): "Epígrafes latinos inéditos de la provincia de Soria", *Ficheiro Epigráfico* 57, nº 264-265.
- GÓMEZ-PANTOJA, J. y GARCÍA PALOMAR, F. (e.p.): "El culto a Hércules y otras novedades epigráficas de San Esteban de Gormaz (Soria)", *Homenaje a J. Corell i Vincent, Studia Philologica Valentina*.
- JIMENO, A. (1980): *Epigrafía romana de la provincia de Soria*, Soria.
- LOPERRÁEZ CORVALÁN, J. (1788): *Descripción histórica del Obispado de Osma*, vol. II, Madrid (reimpresión facsímil 1978).
- MÓCSY, A. et alii (1983): *Nomenclator provinciarum Europae Latinarum et Galliae Cisalpinæ cum indice inverso*, Budapest.
- SOLIN, H. y SALOMIES, O. (1988): *Repertorium nominum gentilium et cognominum Latinorum*, Hildesheim.

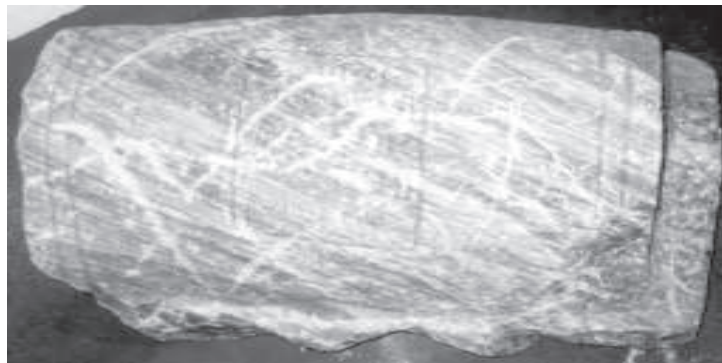
FÉLIX GARCÍA PALOMAR  
JOAQUÍN GÓMEZ-PANTOJA



CUPA DE FERREIRA DO ALENTEJO  
(*Conventus Pacensis*)

Foi encontrada no Monte do Corvo, freguesia de Alfundão, concelho de Ferreira do Alentejo, distrito de Beja, uma cupa funerária romana com inscrição, que, em Dezembro de 1996, foi oferecida ao Espaço Museológico Municipal, onde a observámos e fotografámos a 6 de Fevereiro de 1998. Nº de inventário: 36.

Topara-a o proprietário da herdade, Sr. José Pereira Bernardo Alves, em 1990, quando preparava a terra para a sementeira. O próprio contou que, na zona, se achavam com muita frequência fragmentos de cerâmica, lucernas, telhas e moedas romanas.



De mármore de S. Brissos, cinzento com muitas vénulas esbranquiçadas, apresenta-se em forma de pipa muito alongada e imperfeita, porém de dorso bem alisado. Os aros das aduelas foram assinalados junto aos topos por meio de dois sulcos paralelos, feitos a ponteiro; o campo epigráfico está também toscamente limitado por filete singelo, sensivelmente a meio do dorso. Resta o soco no topo da direita, atrás e (apenas metade) no topo da esquerda; na



frente, pequenas porções. A relha do arado também provocou algumas escoriações. Os topos são lisos, esponteirados.

Dimensões: 37 x 93 (total com soco) e 75,5/77,5 (o 'tonel') x 46 (36 sem o soco). Altura do 'tonel': 21/22. Espessura máxima da base: 37.

Campo epigráfico: 24,3 x 21/21,5.



D(is) · M(anibus) · S(acrum) · / VIXI · SVI/RA [sic] · AN(n)IS  
 / XXVI[I]I (octo et viginti) HI / <sup>5</sup> ITI E(?) I SIT · [...?] [sic]

Altura das letras: l. 1 e 2: 3,5; l. 3: 3/3,5; l. 4: 2,5/3; l. 5: 3/3,5.  
Espaços: 1: 1; 2-4: 1,5; 5: 2/2,5; 6: 1.

Caracteres gravados a ponteiro, irregulares e sem paginação, evidenciando um *ductus* predominantemente para a direita. Na l. 1, o S está inclinado para a frente, enquanto na l. 3 se apresenta bem regular; H largo e de vértices a terminar em pequeninos triângulos; R aberto; X estreito; V largo, na l. 2; A sem barra. Na l. 4, o segundo I do numeral desapareceu com o toque do arado e do terceiro nota-se apenas a terminação superior.

O texto documenta – mais uma vez – a existência de uma oficina em que o lapicida desconhece o significado das letras, circunstância que já se detectara na invulgar estela de Peroguarda (IRCP 335), que, aliás, também traz a forma verbal VIXIT (mal escrita, aliás) imediatamente após a consagração aos deuses Manes e mal grafada; igualmente aí se usa ANNIS e, de novo, a fórmula final é inteiramente mal entendida.

Escusado será, pois, seguir uma leitura à risca e querer determinar na pedra o que pertence a quê. Nomeadamente a nível dessa fórmula final.

Em nosso entender, a defunta chama-se SEVERA e seria esse o nome que constava da minuta apresentada ao lapicida. VIXI, na primeira pessoa, será admissível, embora pouco corrente e, neste caso, mais devida a lapso do que a intencionalidade; mantemo-la, em caso de dúvida. No fim, teremos – mal interpretada – a fórmula habitual: H(ic) S(ita) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis). Daí que usemos propor a seguinte tradução:

*Consagrado aos deuses Manes. Vivi Severa 28 anos. Aqui jaz. A terra te seja leve.*

Mais do que um testemunho novo da muito provável ocorrência do antropónimo *Severa*, aqui usado como nome único, a identificar possivelmente uma escrava<sup>1</sup>, o monumento interessa na sua qualidade de claro indício da vontade, por parte de uma população iletrada, de imitar os modelos estéticos romanos. Por esse motivo, também epigraficamente se não pode garantir uma datação segura, apesar de, pela presença da invocação deuses Manes, se poder apontar o séc. II como hipótese viável<sup>2</sup>.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO  
MARIA JOÃO PINA

---

<sup>1</sup> O *cognomen* latino *Severus* regista mais de uma dezena de testemunhos no *conventus Pacensis* (cf. IRCP p. 870, onde se deve acrescentar o nº 617 para *Severa*).

<sup>2</sup> Sobre o significado deste tipo de monumento, a propósito do qual um de nós (J. d'E.) teve ensejo de tecer considerações (cf. IRCP, p. 813 e 825-826 e, mais recentemente, in *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, Cascais, 2000, p. 121-122), assinalemos que Robert Étienne e Françoise Mayet (*Le Vin Hispanique*, Paris, 2000, sobretudo pp. 54-58) são de parecer que estas cupas «realistas» são, na verdade, a representação em pedra das barricas de madeira usadas para o transporte de vinho. Aproximam-se, assim, de novo, duma tese antiga, veiculada nomeadamente por W. Deonna («Quand dieu roule ses tonneaux», *Genava*, 24, 1946, 118-124) e T. Scarlat Lambrino («Les inscriptions de São Miguel d'Odrinhas», *Bulletin des Études Portugaises*, n. s., 16, 1952, 167-168), segundo a qual as cupas simbolizariam a bebida de que o defunto se deveria inebriar no Além: «Les barriques lusitaniennes roulaient bien un breuvage d'éternité» (*o. c.*, p. 58). Uma obra não isenta de polémica, uma interpretação não desprovida de reticências...